



PORTUGAL SEM DINHEIRO PARA ENVIAR ARMAS A KIEV

Felícia Cabrita
felicia.cabrira@nascerdosol.pt

Os tanques portugueses já estão prontos para seguir para a Ucrânia, mas falta o dinheiro para o transporte. O Exército está de tanga e não tem verba para nada. Espera-se que os ingleses possam dar uma ajuda.

Depois de o Governo de Lisboa ter decidido oferecer à Ucrânia um conjunto de armamento para combater a invasão russa, constata-se que as autoridades portuguesas não dispõem de verbas para custear o transporte do material até à zona de guerra, estando na expectativa de que alguma entidade estrangeira assumira os custos da operação – revelou ao *Nascer do SOL* uma fonte militar.

A fatia mais pesada do encargo tem que ver com o envio de 15 blindados de lagartas M113, para transporte de pessoal, de um lote de cerca de centena e meia adquirido em segunda mão pelo Exército português aos EUA, a preços reduzidos, aquando da diminuição do efetivo militar norte-americano estacionado na Europa na década de 1990, após o desanuviamiento que se seguiu ao fim da Guerra Fria com a queda do Muro de Berlim (1989) e a implosão da União Soviética (1991). Desde então, tais veículos, já obsoletos, têm estado no Campo Militar de Santa Margarida, onde a sua utilização é escassa, pelo que a



oferta à Ucrânia de um décimo desse efetivo não representará uma quebra significativa. Os 15 blindados foram nas últimas semanas sujeitos a revisão e encontram-se já em condições de seguir para a Ucrânia, via fronteira com a Polónia.

«Portugal ofereceu o material, mas se o transporte puder ser 'à borla', através dos parceiros que geralmente têm feito isso, melhor», resumiu a mesma fonte, que adiantou estar o Governo de António Costa a tentar evitar que os custos recaiam sobre o erário nacional. Isto apesar de o primeiro-ministro ter anunciado recentemente um apoio financeiro de Portugal à Ucrânia no valor de 250 milhões de euros, dos quais 100 milhões já este ano.

Para resolver o problema do envio, os militares portugueses apostam sobretudo na ajuda britânica, já que Londres assegurou e financiou anteriores transportes de equipamento (sobretudo munições) fornecido por Portugal a Kiev. «Eles [os britânicos] ainda não apresentaram o OK final», acrescentou a nossa fonte. «Mas estão a es-

tudar as hipóteses de trajeto, que será feito por estrada ou, o mais provável, por via férrea. Já estiveram em Santa Margarida a ver o material e tirar as medidas, e agora estamos à espera que digam alguma coisa em relação ao transporte».

Além das munições e de algum material militar ligeiro, Portugal já enviou para a Ucrânia quatro viaturas blindadas que pertenciam à GNR, duas por transporte terrestre e outras duas por via aérea; mas nesta operação, financiada pelo Governo de Lisboa, aproveitou-se a ida de um cargueiro C-130 Hercules da Força Aérea que,

O Ministério de Helena Carreiras diz ao Nascer do SOL que os blindados estão prontos para entrega

por razões distintas, tinha já previsto um voo em missão até ao leste da Europa.

Além dos blindados de lagartas, Portugal vai fornecer agora à Ucrânia um conjunto de obuses de artilharia e metralhadoras pesadas Browning.

«Estamos à espera que os ingleses se cheguem à frente», rematou a mesma fonte. «Se isso não acontecer, alguém tem de decidir politicamente, porque a tropa não tem dinheiro».

Entretanto, outra fonte, ligada aos meios do Exército, revelou ao *Nascer do SOL* que, com a Ucrânia cada vez mais depauperada militarmente, o Governo português recebeu novos pedidos de ajuda, estando a sondar os três ramos das Forças Armadas para recolher camiões de carga que possam ser enviados para Kiev. O problema, acrescenta, é que a tropa portuguesa dispõe de poucos veículos que preenchem as condições requeridas: «A tropa está de tanga. Temos pouco material, o resto é lixo. Vamos mandar o que houver e se conseguirmos juntar».

Já o Ministério da Defesa afirma que as lagartas estão prontas

desde 31 de maio. «Já temos os parceiros aliados que já se disponibilizaram para as transportarem só estamos há espera que nos digam quando o podem fazer», argumentou o Ministério de Helena Carreiras, em declarações ao *Nascer do SOL*.

Promessas

O envio de material militar para a Ucrânia surgiu em resposta ao pedido de Volodymyr Zelensky, Presidente ucraniano, que, aquando do seu discurso – por videochamada – no Parlamento português, fez um apelo ao Governo de António Costa para que apoiasse o país invadido pelos russos com armamento pesado, bem como com um reforço às sanções impostas à Rússia. «Peço aceleração e reforço das sanções e também apoio militar, armamento», afirmou o chefe de Estado ucraniano, a 21 de abril, falando especificamente em «armamento pesado».

Em jeito de 'moeda de troca', quando o primeiro-ministro português visitou a Ucrânia, em maio deste ano, e, além de um apoio de 250 milhões de euros, falou também em ajudas a nível mi-

litar. A 21 de maio, em visita a Kiev, António Costa disse que Portugal forneceu, e iria fornecer, material letal e não letal. O primeiro-ministro argumentou que Portugal tem procurado corresponder aos pedidos feitos pelas autoridades ucranianas, mas «muitas vezes não temos os recursos de que a Ucrânia necessita». «É um esforço que não terminou e que vai continuar. Tomámos boa nota dos pedidos específicos da Ucrânia e vamos procurar ver se estão ao nosso alcance», acrescentou.

Na altura, António Costa garantiu também que Portugal apoiaria a Ucrânia noutros setores como, por exemplo, a reconstrução de escolas e jardins de infância, «porque é fundamental investir no futuro e garantir que as novas gerações ucranianas têm futuro na sua terra».

«Portugal tem procurado apoiar a Ucrânia das formas mais diversas, ajudando a criar condições para que todos os países da União Europeia possam manter-se unidos no apoio ao sexto pacote de sanções» à Rússia, disse Costa, por ocasião da visita à capital ucraniana.

Política

UE ABRE PORTAS A KIEV, MAS AINDA HÁ RESERVAS

João Campos Rodrigues
joao.rodrigues@nascerdosol.pt

A decisão 'histórica' de aceitar a candidatura da Ucrânia à UE pode significar pouco, avisa Teles Fazendeiro. Zelensky teme que Macron esteja a arranjar desculpas para o deixar fora da união.

A Ucrânia pode ter recebido o estatuto de país candidato à União Europeia, esta semana, junto com a Moldávia, mas o consenso entre os Estados-membros fica-se por aí. Tanto Kiev como Bruxelas descreveram a decisão como «histórica», mas a história mostra que o estatuto de país candidato à UE pode ficar indefinidamente congelado, que o diga a Turquia. E, apesar da unidade europeia – talvez se possa considerar a Hungria uma exceção – quanto ao apoio à Ucrânia face à invasão russa, no que toca à plena adesão deste país à UE há algumas reticências, ainda que só expressas discretamente nos bastidores de Bruxelas.

«Em conversas privadas, diplomatas da UE expressaram preocupação com a preparação da Ucrânia e disseram que não acreditavam que o estatuto de candidato fosse realista para um país no meio de uma guerra brutal», avançou o *Washington Post*. «A Holanda, Dinamarca e Portugal estavam particularmente céticos», lia-se no artigo publicado na quarta-feira. O próprio António Costa veio a público mostrar-se contra a criação de «falsas expectativas», dando muito que falar na imprensa internacional. No entanto, no dia seguinte, inverteu o rumo, dado que a aceitação da Ucrânia como candidato pelo Conselho Europeu requer unanimidade.

Contudo, este é um processo que normalmente demora anos. E quem sabe o que esperar de um país em guerra como a Ucrânia a longo prazo? Na prática, a decisão de conceder-lhe o estatuto de candidato «é sobretudo uma questão simbólica, de apoio, de mos-

trar que a luta não é em vão», aponta Bernardo Teles Fazendeiro, investigador no Centro de Estudos Sociais (CES) e professor de Relações Internacionais na Universidade de Coimbra, especializado no mundo pós-soviético, à conversa com o *Nascer do SOL*.

É que a aceitação da candidatura ucraniana «é uma concessão, mas uma concessão que custa pouco», acrescenta Teles Fazendeiro. «Não implica que a adesão à UE esteja próxima, pode ser constantemente adiada».

Trata-se de uma opinião amplamente partilhada pelos observadores internacionais. Para já, há alguns receios de que esta decisão do Conselho Europeu leve a represálias da parte de Rússia, tendo o Presidente Volodymyr Zelensky alertado para o risco de uma escalada das hostilidades por parte dos invasores. No entanto, o estatuto de candidato concedido à Ucrânia, «a nível operacional, da guerra em si, deve afetar pouco», considera Fazendeiro.

«Moscou já devia estar ciente desta possibilidade a partir do momento em que fez o que fez. E que a posição de união que a Europa tomou em 2014 só iria tornar-se mais forte»,

considera o investigador do CES, referindo-se à anexação da península da Crimeia pela Rússia e ao envio de tropas – os chamados 'homenzinhos verdes' – para apoiar os separatistas de Donbass.

Se, de facto, Moscovo não deve ficar nada satisfeita vendo Kiev virar-se ainda mais para Bruxelas, tendo tentado durante décadas manter os seus vizinhos dentro da sua esfera de influência, de certa forma já sabia que uma batalha perdida. Pelo menos, desde 2014, quando a sua influência política na Ucrânia, através de partidos e movimentos pró-russos na Ucrânia se esfumou.

Foi um afastamento que, obviamente, se agravou muito mais com a invasão. Daí que o Kremlin tente encolher os ombros perante esta candidatura da Ucrânia à União Europeia – «não temos nada contra isso», reagiu Vladimir Putin, durante o Fórum Económico de São Petersburgo, lembrando que esta união «não é um bloco militar» – e se limite a tentar agarrar ainda mais território no Donbass (v. texto ao lado).

Na prática, em 2014, no rescaldo da revolução de Euromaidan, Putin «ganhou a Crimeia e perdeu a Ucrânia», descreve Teles Fazendeiro, citando um conhecido artigo de Jeffrey Mankoff, do Center for Strategic and International Studies, escrito nesse mesmo ano. Longe vão os tempos em que Moscovo procurava convencer Kiev a juntar-se à União Económica Eurasiática (UEE), que tenta ser uma espécie de União Europeia juntando a Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão.

Claro que esta candidatura ucraniana a entrar na União Europeia «não pode ser um processo de adesão semelhante aos que ocorreram no passado. Isso é impensável com esta nova realidade, com um país em guerra», explicara ao *Nas-*



cer do SOL Sandra Fernandes, professora de Relações Internacionais na Universidade do Minho, especializada nas relações entre a Rússia e a Europa, a semana passada, quando já se dava como praticamente certa a aprovação da candidatura pelo Conselho Europeu.

Já quanto à vontade real dos líderes europeus para concretizar essa candidatura da Ucrânia, há enormes dúvidas. O Estado ucraniano «já implementou 70% das regras, normas e padrões europeus», assegurou a presidente da Comissão Europeia, Ursula Von der Leyen. No entanto, o que lhe falta conseguir é particularmente crucial, como o combate à corrupção. À semelhança de tantas outras antigas repúblicas soviéticas, parte da economia ucraniana está nas mãos de poderosos oligarcas, colocando a Ucrânia na 122ª posição do índice de corrup-

ção da Transparency International, entre 180 países, pouco acima da Rússia, que está no 136.º lugar. Criando dúvidas quanto ao destino de eventuais fundos comunitários enviados para a Ucrânia.

Aliás, ainda esta semana, coincidentemente, o Conselho Europeu também debateu uma proposta de Emmanuel Macron (páginas 42 e 43) para a criação de uma Comunidade Política Europeia. Esta ideia tem sido vendida pelo Presidente francês como sendo uma estrutura «magra», que serviria para dialogar com os países europeus fora da UE, de maneira a «estabilizar o continente», explicou, durante uma visita à Moldávia, citado pela *France Press*. Deixando o Governo ucraniano com os nervos à flor da pele, temendo que a proposta de Macron não passasse de uma desculpa para congelar a sua candidatura, à União Europeia.



Zelensky conta com claro apoio na UE, mas nos bastidores ainda há muitas reservas

Ucranianos em retirada

Praticamente já não há nada a defender em Severodonetsk. E agora até Lysychansk está ameaçada pelos russos.

As últimas tropas ucranianas em Severodonetsk, que se tornara o foco do poderio militar russo, receberam ordem para retirar, nesta sexta-feira. Bateram-se durante semanas, resistindo muito mais do que esperado, mas «a situação agora é tal que ficar nestes posições destruídas simplesmente para ficar lá não faz sentido», admitiu o governador de Lugansk, Serhiy Haidai, citado pelo *Guardian*. As forças ucranianas em Severodonetsk, alvo de uma constante chuva de bombas,

mísseis e artilharia, «receberam ordens para retirar para novas posições», explicou.

Contudo, não será nada fácil escaparem desta cidade, que costumava ter cerca de cem mil habitantes, tendo as forças do Kremlin destruído todas as três pontes sob o rio Siverskyi Donets, que ligavam Severodonetsk e a sua cidade-gêmea, Lysychansk, onde os ucranianos agora concentram a sua resistência.

Agora, até esta cidade está em risco de ser cercada. A destruição das pontes sobre o Siverskyi Donets torna muito complicada uma ofensiva vinda de Severodonetsk, mas as forças do Kremlin tentam atingir a retaguarda de Lysychansk, avançando a partir de Popasna a sudeste, de maneira a cortar a estrada que liga

Lysychansk ao resto do país. Unidades de reconhecimento russas até se atreveram a conduzir ataques nos arredores desta cidade, sendo repelidos, segundo as autoridades ucranianas. Alguns analistas tinham questionado a sensatez da Ucrânia tentar manter tropas em Severodonetsk, quando esta cidade já fora transformada num monte de entulho por bombardeamentos russos e Lysychansk é uma posição mais fácil de defender. Mas a «batalha de Severodonetsk foi mais para esgotar recursos humanos russos», justificou Maria Zolkina, analista da Ilko Kucheriv Democratic Initiatives Foundation, no Twitter. Agora, o objetivo «é salvar o máximo de unidades do exército, que é o nosso principal recurso».

FÁTIMA BONIFÁCIO

'NASCI E CRESCI NUMA FAMÍLIA BURGUESA EM QUE NÃO TRABALHAR ERA UM ANÁTEMA'

'OS TRÊS PILARES DO ESTADO SOCIAL ESTÃO MUTÍSSIMO AMOLGADOS'

Pág. 11



MIA COUTO

'FALA-SE MUITO DE LUSOFONIA, MAS FAZ-SE MUITO POUCO'

'DEVEMOS PÔR FIM A ESTE DESCONHECIMENTO QUE TEMOS DAQUILO QUE VAMOS FAZENDO NO ESPAÇO DA NOSSA LÍNGUA COMUM'

Pág. 36



NASCER DO **SOL**

EDIÇÃO N.º 826 • 25 JUNHO 2022 • 4 EUROS



Mário Ramires
O ESTADO JÁ NÃO CUMPRE AS FUNÇÕES MAIS BÁSICAS



José António Saraiva
OBVIAMENTE, DEMITA-SE!



Vitor Rainho
SÉRGIO SOUSA PINTO, O LÍDER DA OPOSIÇÃO

PORTUGAL SEM DINHEIRO PARA MANDAR BLINDADOS PARA A UCRÂNIA

Os 15 blindados M113 prometidos por António Costa ao Presidente Zelensky ainda continuam em Santa Margarida. O Nascer do SOL apurou que falta dinheiro para o envio e o Governo português está a contar com um patrocínio do Reino Unido **Págs. 6-8**



EMIRADOS ÁRABES UNIDOS FECHAM EMBAIXADA EM LISBOA

Sem contar com o segurança do edifício no Príncipe Real, a representação diplomática não tem ninguém desde fevereiro **Pág. 64**



LUÍSA SALGUEIRO

'NUNCA HOUVE UM INVESTIMENTO DESTE GÉNERO NAS ESCOLAS DO PAÍS. VAI SER HISTÓRICO'

'A ANMP, COM 308 OU COM 307 MUNICÍPIOS, CONTINUA A SER MUITO FORTE'

Págs. 12-16



DIGITALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE. DESAFIOS DO PRESENTE E DO FUTURO Págs. 52-55

RTP
PÉ DE VENTO NA TELEVISÃO PÚBLICA

Prejuízos, demissões, concursos polémicos e um ambiente de tensão crescente entre trabalhadores, administradores e diretores **Págs. 46-47**



Covid-19
Portugal já ultrapassou barreira dos 24 mil mortos

Pág. 25

Urgências
Plano de 2019 continua na gaveta

Págs. 20-21

Braz Teixeira
'A crise energética a sério vai ser no inverno'

Págs. 56-57



Isabel Figueira
'A apresentação e a representação são duas grandes paixões'

LUZ.

